

## **ONDE ESTÁ O DIREITO DE POLIGAMIA FEMININO? UMA ANÁLISE A PARTIR DO ROMANCE NIKETCHE, UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA, DE PAULINA CHIZIANE E DO FILME *EU, TU, ELES*, DO DIRETOR ANDRUCHA WADDINGTON.**

Vyrna Valença Perez

*União Metropolitana de Educação e Cultura (UNIME – Lauro de Freitas), Pós-Crítica - Universidade do Estado da Bahia (UNEB)*  
vyvalenca@hotmail.com

Mauren Pavão Przybylski

*PNPD-CAPES – Pós-Crítica - Universidade do Estado da Bahia (UNEB)*  
maurenpavao@gmail.com

### **Resumo**

O presente artigo pretende analisar a poligamia sob o viés do masculino e do feminino. Para tanto, tomaremos como base o romance *Niketche*, da moçambicana Paulina Chiziane, que traz a visão da mulher acerca da poligamia masculina, legitimada em uma sociedade eminentemente patriarcal e o filme *Eu, tu, eles* que problematizará a vida de uma mulher sertaneja que já vivia com dois homens e encontra um terceiro que se junta a essa família, enfatizando a figura feminina como quem dita as regras da relação.

**Palavras-chave:** Poligamia, tradição, Moçambique, Brasil, mulher.

*Niketche*, segundo apresentação da editora Companhia das Letras<sup>1</sup>, é um romance narrado em primeira pessoa pela personagem principal *Rami* e conta a história de Tony, um alto funcionário da polícia, e sua mulher *Rami*, casados há 20 anos. Um dia, Rami descobre que o marido é polígamo; tem outras quatro mulheres – espalhadas por diversos cantos do país (em Maputo, em Inhambane, na Zambézia, em Nampula, em Cabo Delgado) e vários filhos. A esposa então, numa atitude completamente inesperada, decide ir atrás das mulheres do marido. O romance retrata, portanto, a busca de Rami *como uma incursão pelo desconhecido e uma tentativa de lidar com a diferença, simbolizada pelas amantes do marido*. A narradora, por sua vez, nos leva a conhecer, segundo reportagem do jornal *Desacato*<sup>2</sup>, as “*complexas lutas travadas pelas mulheres, desde as mais íntimas às sociais, econômicas, e culturais*” e como “*Nestas lutas há derrotas, mas também vitórias, avanços e recuos, tal como acontece nas lutas reais pelo alcance dos direitos das mulheres*”.

Sobre o título da obra, vale salientar que *Niketche* é uma das danças do norte de Moçambique, extremo oposto de onde mora Rami. Ritual de amor e erotismo, a dança é desempenhada pelas meninas durante cerimônias de iniciação.

Por sua vez, *Eu, tu, eles*, filme dirigido por Andrucha Waddington, segundo resenha disponível no site *Adorocinema*,<sup>3</sup> é uma comédia brasileira que descreve a vida de Darlene, interpretada por Regina Casé, a qual grávida e solteira, vai embora da sua região e retorna três anos

<sup>1</sup> Disponível em <https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=11805> Acesso em 16 jul 2017.

<sup>2</sup> Disponível em <http://desacato.info/leituras-feministas-niketche-uma-historia-de-poligamia-de-paulina-chiziane/> Acesso em 10 jul 2017.

<sup>3</sup> Disponível em <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-24770/> Acesso em 16 julho 2017.

depois ao trabalho pesado dos canaviais no nordeste brasileiro com Dimas, seu filho. Logo que Osias (Lima Duarte), um homem mais velho e orgulhoso de sua casa ter sido construída por ele, lhe propõe casamento Darlene aceita. Ele se aposenta, enquanto ela continua trabalhando duro nos canaviais e em poucos anos nasce um segundo filho, muito mais escuro que Osias. Então ele leva Zezinho (Stênio Garcia), seu primo que é quase da sua idade além de ser um bom cozinheiro, para morar com ele. Darlene fica feliz com a chegada de Zezinho e logo nasce outra criança, esta bastante parecida com Zezinho. Pouco tempo depois Darlene convida Ciro (Luiz Carlos Vasconcelos), que trabalha com ela nos canaviais e não tem onde dormir, para jantar. Zezinho é contra, mas Osias diz que a casa é dele e que o recém-chegado é bem-vindo e pode dormir lá. Ciro acaba morando lá, mas a chegada de outro filho, desta vez parecido com Ciro, obriga Osias em tomar uma decisão.

Nossa reflexão propõe-se, portanto, de dar conta de duas visões acerca da poligamia: a do viés masculino, em uma sociedade eminentemente patriarcal como a moçambicana e a do feminino, na sociedade brasileira que se diz libertária, mas é, em muitas esferas sociais e políticas, bastante conservadora, sobretudo no tocante a uma mulher que decide viver com três homens.

Renata Jesus da Costa, em sua dissertação intitulada *Subjetividades femininas: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Paulina Chiziane* destaca, no tocante à poligamia em Mocambique afirma que

A permanência dessas práticas em Moçambique revela que, apesar dos conflitos entre estas culturas o país conseguiu e consegue preservar muitos de seus hábitos. Apesar das tentativas da igreja cristã de abolir a poligamia, ela é, ainda hoje, frequentemente praticada em várias regiões africanas. (COSTA, 2007, p.104)

Quando se pensa em poligamia nos países africanos, processo que antecede à chegada do colonizador, a autora segue afirmando que ele significava muito mais do que a possibilidade de unir-se a várias esposas. Com base em Marina de Melo e Souza (2006 *apud* Costa, 2007) afirma:

Poder casar com muitas mulheres era sinal de prestígio: quanto mais poderoso um chefe, mais mulheres ele tinha. E isso valia tanto para as regiões islamizadas, como para as que mantinham as tradições locais (...) Para um homem receber uma mulher, tinha de dar à sua família um dote, como se assim estivesse comprando daquele grupo a capacidade de trabalho e de reprodução de um de seus membros (SOUZA, 2006:32). Para os homens, pensado em concordância com a citação, esse sistema simbolizava poder e prestígio. Para as mulheres, “representava” a concretização de algo para o qual elas haviam se preparado a vida inteira. Para as famílias das filhas, a oportunidade de casá-las e, conseqüentemente, de aumentar seus rendimentos. (COSTA, 2007, p.104-5)

Essa *concretização de algo para o qual elas haviam se preparado a vida inteira* se faz presente desde o primeiro capítulo de Niketche quando, ao decidir ir em busca das demais esposas de Tony, *Rami* afirma:

Fico emocionada. Esta mulher tem uma angústia bem pior que a minha. Eu, pelo menos, conheci o sonho e o altar. Tive um marido sempre ao lado em cada um dos cinco filhos que pari. Ainda tive o prazer de insultá-lo e culpa-lo de todas as minhas dores na hora do parto. A Julieta foi enganada desde a primeira hora. Nada pior que uma eterna frustração (CHIZIANE, 2004, p.26)  
(...)

Canto a minha canção preferida para espantar a solidão. Dentro de mim cresce uma vontade de deixar tudo. Divorciar-me. Estoirar este lar pelo ar. Procurar um novo amor, talvez. Mas não. Não largo o Tony. Se o deixo, nesta cama dormirão outras mulheres, não vou sair daqui. Se eu me divorcio meu marido vai casar com a Julieta ou com tantas outras, não vale a pena sair daqui. Se eu vou, meus filhos serão criados por outras, comerão o pão amassado pelas mãos do diabo, não posso sair daqui. (CHIZIANE, 2004, p.27)

Ou seja, mesmo presenciando a situação da poligamia e a humilhação que virá em alguns momentos, no encontro com as demais mulheres, afirmar para si própria ser a primeira e a legítima é o que a faz permanecer ao lado do marido. Abandonar o marido é uma vontade, mas não uma opção, na medida em que sair é, além de deixar para traz os filhos, dar-se por vencida, matar o pouco amor próprio que ainda resta. Além disso, para a sociedade moçambicana colonial a mulher que lutava por algo, que questionava as decisões do homem era vista como prostituta. “ - *Cala-te mulher. Desde quando tu tens categoria para falar com um doutor? Nunca te autorizei a falar com homem nenhum. Estás a comportar-te como uma prostituta!* ” (CHIZIANE, 2004, p.60)

E, muito embora a narrativa de Chiziane queira retratar a luta pelos direitos das mulheres, há, na personagem *Rami*, desde o início da narrativa, uma necessidade de justificar seu comportamento dos últimos 20 anos: o conhecimento das demais esposas do marido, mesmo que isso não fosse assumido. A partir do narrado por Saly e Lu, duas das esposas de Tony, *Rami* traz alguns elementos bastante importantes em sua narrativa: o contentamento da mulher em relação às normas sociais; o poder e o dinheiro como justificativa da poligamia e da submissão feminina. Vejamos:

- Fui lá ver a Saly, a quarta. Ela também me deu uma sova e disse-me: teu é o que transportas contigo, no teu ventre, no teu estômago. Teu é o que comeste. Este homem dá-me aquilo que é seu. Enquanto ele estiver comigo, é meu, enquanto estiver contigo, é teu. E disse-me: eu sou pobre. Sem pai, nem emprego, nem dinheiro, nem marido. Se não tivesse roubado o teu marido, não teria nem filhos, nem existência. A minha vida seria árida como um deserto. O amor que me dá é quase nada, mas é quanto basta para me fazer florir. Deu-me estes rebentos, são dois. Deu-me momentos de felicidade que guardo nos arquivos da memória. Digo a toda gente que sou casada e tenho um marido um dia por mês. E sou feliz. Há mulheres que nem sequer tem um dia de amor em toda a sua vida. (CHIZIANE, 2004, p.66)

Saly descreve com naturalidade a relação com Tony e, ao afirmar que é melhor ter um homem um dia por mês do que não ter nenhum, demonstra subserviência e aceitação. Os filhos que ele lhe deu a tornaram uma mulher feliz, porque não reproduzir a tornaria como uma árvore seca. Além disso, Saly tem em Tony uma vida financeiramente segura, na medida em que ele é rico e ela pobre, sem possibilidades de trabalhar por ser mulher. O relato de Saly leva *Rami* a lembrar o que a disse Lu, a terceira, sobre o poder e o dinheiro como justificativas para a aceitação de uma relação poligâmica, onde a mulher é submissa. Reflete *Rami*:

O que querem as mulheres, à volta de um só homem? Todas tememos a solidão e por isso suportamos o insuportável. Dizem que as mulheres são muitas – as estatísticas e os próprios homens – e os homens poucos. Para dizer a verdade - parafraseando a Lu, a terceira – há homens em quantidade suficiente. Homens com dinheiro é que são poucos. Na história da nossa terra, mulher nenhuma morreu virgem por falta de homem. Para todas essas mulheres o Tony é emprego, fonte de rendimento. (CHIZIANE, 2004, p. 67)

A condição financeira, para a narradora, nada mais é do que parte de uma troca de exigências.

O mundo acha que as mulheres são interesseiras. E os homens não são? Todo homem exige da mulher um atributo fundamental: beleza. As mulheres exigem dos homens outro atributo: dinheiro. Qual é a diferença? Só os homens podem exigir e as mulheres não? (CHIZIANE, 2004, p. 67)

O que acontece a partir de então é que a narradora passa a dar sinais de que, muito embora compreenda a tradição, tenha amor ao homem, o medo da solidão e da separação do filho não são mais suficientes no sentido de fazerem-na conformada com a poligamia praticada pelo marido. Por que ela, Rami, não pode também ter outros homens? Há, nela, neste momento, uma necessidade de mudança. Sua atitude para com as demais mulheres não é mais de enfrentamento, mas de união, todas juntas em prol de suas liberdades, arquitetando uma vingança por conta de todo o sofrimento causado por Tony.

Assim, Niketche nos dá a possibilidade de uma ampla análise da condição feminina, partindo do pressuposto da aceitabilidade da poligamia. Sendo um trabalho que dá conta de uma pesquisa bibliográfica, além dos pesquisadores já citados, tomaremos como referência estudiosos do pensamento pós-colonial, na medida em que a obra, questionando tantas regras e normas estabelecidas antes mesmo da chegada do colonizador, nos permite uma análise baseada nessas teorias. Autores como Inocência Mata, Laura Cavalcante Padilha, Almiro Lobo, Cintia Kutter, Rita Chaves e Tânia Macedo, serão norteadoras da crítica que pretendemos realizar e nos levam a questionar: qual alternativa para que se mude o modo como a mulher é vista em sociedades poligâmicas e patriarcais? Na contemporaneidade, até que ponto a mulher é de fato livre para ser o que quiser?

Por seu lado, o filme “Eu, Tu, Eles”, baseado em fatos reais, publicados em um jornal brasileiro, dá conta da história da roceira Maria Marlene Silva Sabóia, que viveu com três maridos morando todos juntos, na mesma casa, durante dez anos, no distrito de Quixelô, em Morada Nova, a 163 quilômetros de Fortaleza, no Ceará. A trama que se passa entre Osias, Zezinho (primo de Osias), Darlene (mulher de Osias) e Ciro (agregado da casa) representa tanto pela forma estética quanto pelo seu conteúdo, um padrão de comportamento dos brasileiros, que transita entre o arcaico e o moderno na formação social brasileira e como suas influências ainda são presentes em nosso cotidiano.

Para Bruno Souza (s/a)

o filme retrata um Brasil, em comparação aos países que dominaram o processo de modernização, que se encontra partes no século XXI e partes no século XIX, característica dúbia, fruto da tardia transição entre a sociedade agrária para a sociedade urbano-industrial. O surgimento do estado moderno está ligado ao rompimento da ordem doméstica, sendo que o indivíduo só se torna cidadão (eleitor, elegível, contribuinte e responsável) quando responder às leis da cidade e não mais a um regimento familiar (que tende a desaparecer frente aos imperativos da nova condição de vida).<sup>4</sup>

A narrativa dá conta de elementos que nos levam à compreensão, segundo o autor, da construção de um estado de direito, e de como essa lógica de organização social influenciou as

<sup>4</sup> Disponível em: [http://www.telacritica.org/ArtigoTelaCriticarevista9\\_EuTuEles.htm](http://www.telacritica.org/ArtigoTelaCriticarevista9_EuTuEles.htm)



comunidades mais tradicionais presentes no campo que até hoje resistiram ou cederam à lógica do formalismo do estado burguês.<sup>5</sup>

No início do filme Darlene sai da casa de sua mãe no campo em direção ao vilarejo para casar, supostamente com o pai de seu filho. Ao chegar a igreja, ela está vazia. Chateada, mas determinada parte para enfrentar o desafio de ter um filho sozinha. Como prometido à mãe, Darlene volta com o filho para a benção da avó, ao chegar à casa da mãe se depara com o velório da mesma. Após esse fato, Darlene resolve voltar para o sítio, fixando-se na antiga casa de sua mãe.

Darlene passa a trabalhar de sol a sol, de facção à mão no corte da cana, num contexto de seca e miséria. Recém-chegada de volta a sua terra, encontra um antigo vizinho (Osias) construindo uma modesta casa, que naquelas condições era significativa de algum prestígio. Então, Darlene comenta com admiração: “Enricou, hein?”. Alguns dias após o encontro, Darlene recebe a visita de Osias, que fruto de uma sociedade machista, é direto em suas intenções e oferece sua casa em troca da mão de Darlene. Sem nenhuma perspectiva de uma vida melhor, ela aceita a proposta.

Aqui percebe-se alguma aproximação do filme com a narrativa de Chiziane, na medida em que a aceitação do pedido se dá por conta do dote, ou seja, a condição financeira é fator fundamental para a realização do casamento.

Souza (s/a) destaca., também, que

nesto caso, o casamento (“valor familiar”) é uma condição necessária para sustentar e dar continuidade da vida no campo, ligando-se intrinsecamente aos valores “terra” e “trabalho”, funções respectivamente representadas por Osias, que é o detentor da casa e do lote onde moram, e por Darlene que é a força de trabalho tanto na casa, quanto na roça. É de grande importância também percebermos que a mulher camponesa nesse contexto histórico (provavelmente entre os anos 60-70), já é assalariada e trabalha fora do contexto familiar, mesmo que em condições precárias.

Alguns anos depois, Zezinho, o primo de Osias, vai morar com o casal e torna-se o segundo marido de Darlene. Sua paixão é demonstrada a partir de uma atenção que ela não tem no marido. Darlene dá à luz a uma criança que em muito se assemelha com Zezinho; Osias, por sua vez, finge não perceber as evidências. E mesmo Zezinho deixando claro, em seu comportamento, tratar-se de seu filho, Osias segue convivendo com ambos. Osias, em sua lógica patriarcal, se assemelha à Rami; se ela não deixava o marido por ser a primeira, a legítima, ele, por sua vez, tolera o comportamento da mulher e do primo, por saber que de acordo com a moral vigente na sociedade da época, ele era o “dono” da mulher, tanto perante à família, como para a comunidade, demonstrando aquilo que Souza (s/a) define como questão de honra que está relacionada à posse de Darlene, da casa e dos filhos que ali residiam e que o continuariam sendo subordinados enquanto dependessem de seu “território” para sobreviver.

O autor ainda descreve o encontro de Darlene com Ciro. Diz ele:

Tempos mais tarde, Darlene conhece Ciro, um rapaz bonito que estava de passagem, e apaixona-se. Ciro é levado para ficar na casa com o trio apenas por pouco tempo, pois não tem um lar fixo. Entretanto, torna-se o “terceiro marido” de Darlene ao morar definitivamente no sítio. Nesse caso a presença de Ciro, um agregado, é concedida por Osias, que se utiliza da paixão de Darlene por Ciro, para provocar Zezinho. Nesse sentido percebemos que o que configura essa relação é a honra, porque apesar de Darlene ter um filho com Zezinho e futuramente com Ciro, o que importa para Osias é que sua mulher esteja em casa, trabalhe para o seu bem

---

<sup>5</sup> Op. Cit 4.

estar e durma com ele. Osias se utiliza de todas as situações para reafirmar seu posicionamento de “senhor” que coordena as ações das pessoas segundo sua vontade, segundo a moral patriarcal camponesa ligada à tradição familiar. (s/a)

Muito embora Osias tente afirmar o tempo todo que ele é o dono do lar, na verdade esta é uma estratégia – a mesma utilizada por Rami – para mostrar um suposto contentamento com uma situação a qual ele não aceita. Deixar transparecer que o importante é Darlene trabalhar para ele e dormir com ele é um enganar-se em relação a quem detém o poder.

Percebe-se, portanto, que seja pelo viés masculino ou feminino, as estratégias discursivas para afirmar a aceitação da poligamia são as mesmas; elementos que justifiquem que quem sofre a poligamia pensa ser o detentor do poder e está naquela situação porque quer são uma constante. Se a poligamia feminina ou masculina é certa ou errada, o que se conclui, nesta breve análise, é que cabe a quem está na relação definir qual a melhor forma de viver o relacionamento e que homem e mulher devem ter os mesmos direitos.

### **Referências:**

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. Comp. das Letras, 1995.

COSTA, Renata. *Subjetividades femininas: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Paulina Chiziane*. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp062009.pdf> Acesso em 16 jul 2017.

DUTRA, Robson. Niketche e os vários passos de uma dança. In: MATA, Inocência e PADILHA, Laura Cavalcante. *A mulher em África*. Vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

KUTTER, Cintia Acosta. A presença da mulher moçambicana em O sétimo juramento e Niketche, de Paulina Chiziane. Revista Graphos, vol. 16, nº 1, 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/20330/11257> Acesso em 16 jul 2017.

LOBO, Almiro. Niketche, uma história de poligamia: a Moçambique revisitada. In: CHAVES, Rita e MACEDO, Tânia. *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006

SOUZA, Bruno. “Eu, Tu, Eles”, de Andrucha Waddington, (Brasil, 2000). Disponível em: [http://www.telacritica.org/ArtigoTelaCriticarevista9\\_EuTuEles.htm](http://www.telacritica.org/ArtigoTelaCriticarevista9_EuTuEles.htm) Acesso em 16 jul 2017

<https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=11805> Acesso em 16 jul 2017.

<http://desacato.info/leituras-feministas-niketche-uma-historia-de-poligamia-de-paulina-chiziane/> Acesso em 10 jul 2017.

<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-24770/> Acesso em 16 julho 2017.